

#cm
2

TERÇA-FEIRA



Marilyn Monroe,
ícone do cinema,
em ensaio
fotográfico nos
anos 1950

Os primeiros **100 anos** de um mito

No **centenário de seu nascimento**, que se celebra em **1º de junho**, o Grupo Estação Net Gávea **dedica uma retrospectiva à estrela** que sofreu com o **sexismo da indústria**, mas usou sua inteligência para **desbravar caminhos em Hollywood**.

Páginas 2 e 3

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Entre dores e amores turbulentos, entre objetificações descaradas e transcendências das mais corajosas, corações ao alto: Marilyn Monroe está no meio de nós, a receber loas, ainda que póstumas pelos cem anos de seu nascimento. Norma Jeane Mortenson nasceu em 1º de junho de 1926, em Los Angeles, na Califórnia. A partir desta quarta-feira, o Grupo Estação lhe dedica uma mostra, numa retrospectiva de sua gloriosa odisseia por uma indústria que a mascou feito um chiclete, extraindo de sua alma o signo de esplendor feminino mais radiante que o cinema já viu.

Vai ter “O Pecado Mora ao Lado” (“The Seven Year Itch”, 1955); “Nunca Fui Santa” (“Bus Stop”, 1957); “Quanto Mais Quente Melhor” (“Some Like It Hot”, 1959), que será o longa de abre-alas do evento; “Adorável Pecadora” (“Let’s Make Love”, 1960); e outras delícias... tudo no complexo exibidor da Gávea, até o dia 3.

Filha de Gladys Pearl Baker, Norma Jean (aka Marilyn) passou a infância longe da estabilidade familiar. O pai biológico jamais foi oficialmente reconhecido, embora diferentes hipóteses de sua identidade tenham surgido ao longo das décadas. A mãe enfrentava graves crises psiquiátricas e foi internada repetidas vezes, o que levou a futura estrela a viver entre lares adotivos, casas de parentes e um orfanato. Ainda criança, Norma Jeane cresceu em bairros populares de Los Angeles e conviveu com uma sensação permanente de abandono que marcaria toda a sua trajetória pessoal. Ainda adolescente, casou-se com James Dougherty, aos 16 anos, numa tentativa de evitar o retorno ao sistema de acolhimento infantil. Muito desse calvário foi retrabalhado em “Blonde” (2022), do neozelandês Andrew Dominik, que valeu à cubana Ana de Armas uma indicação ao Oscar.

A entrada de Marilyn Monroe no cinema aconteceu depois de sua experiência como modelo fotográfica. Durante a Segunda Guerra Mundial, ela trabalhava numa fábrica de equipamentos militares quando foi descoberta por fotógrafos interessados em campanhas de propaganda patriótica. O sucesso das imagens abriu caminho para contratos como pin-up, como modelo publicitária. Em 1946, assinou seu primeiro acordo com a 20th Century Fox e adotou o nome artístico Marilyn Monroe, usando “Marilyn” em homenagem à atriz Marilyn Miller e “Monroe” como sobrenome herdado da mãe. Sua estreia oficial no cinema ocorreu



O Pecado Mora ao Lado (1955)

Quanto mais Marilyn Monroe, melhor!

No centenário da diva, o Grupo Estação faz do Net Gávea uma máquina do tempo para uma Hollywood que glamourizou, mas objetificou a estrela - hoje um signo da força feminina



Quanto Mais Quente Melhor (1959)



Só a Mulher Peca (1952)

em 1947, no filme “Dangerous Years”, em participação pequena, seguida por “Scudda Hoo! Scudda Hay!”. Pouco depois, perderia o contrato inicial, mas insistiu na carreira, passando a frequentar testes e produções menores até conquistar atenção em Hollywood.

A ascensão começou efetivamente no início dos anos 1950, quando apareceu em produções como “O Segredo das Joias” e “A Malvada”. O estúdio percebeu rapidamente o impacto de sua presença diante das câmeras e passou a transformá-la numa imagem-símbolo da sensualidade norte-

-americana. O cabelo platinado, a voz sussurrada e a construção da figura da “loira ingênua” (mas... quiçá fatal) ajudaram a criar uma das personas mais icônicas do século XX. Entre 1947 e 1961, Marilyn concluiu 29 filmes e tornou-se protagonista de boa parte deles, especialmente durante sua

fase de estrelato absoluto. Entre seus títulos mais célebres estão “Torrente de Paixão” (“Niagara”), “Os Homens Preferem as Louras” (“Gentlemen Prefer Blondes”), “Como Agarrar um Milionário” (“How to Marry a Millionaire”, “O Príncipe Encantado” (“The Prince and the Showgirl”) e o

Pra Caravana Rolidei não existe adeus

Enquanto o cinema nacional aguarda a finalização de 'Deus Ainda É Brasileiro', o legado de Cacá Diegues mantém-se nas telas com o relançamento de 'Bye Bye Brasil' em Paris

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Diante da falta de produções dirigidas por vozes autorais brasileiras na Croisette este ano, a pergunta que mais se ouviu no recém-encerrado Festival de Cannes, acerca de nosso país, um ano depois da coqueluche "O Agente Secreto", foi: "Mas cadê o filme do Cacá Diegues?... Digo, o novo...". Tal demanda se refere a "Deus Ainda É Brasileiro", filmado pelo artesão autoral egresso de Alagoas, ao longo da Copa do Mundo de 2022, em seu estado natal, e até hoje inédito. Cacá morreu em fevereiro de 2025 e deixou um hiato imenso, compensado com a inauguração de uma estátua em sua glória no Alto da Boa Vista e com a realização de um documentário sobre sua obra, com direção de Karen Harley e Lírio Ferreira, estreado na já citada cidade cinéfila da Côte d'Azur, mas ainda inédita em salas.

Sobre a sequência da comédia estrelada por Antonio Fagundes (no papel do Todo-Poderoso): ela está ficando pronta e deve sair do forno em 2027. Demorou por conta da exigência de uma pós-produção esmerada e pelo serenar de seu realizador. Contudo... a tal pergunta lá de Cannes... ao abraçar o termo "o novo", ela faz referência ao resgate de uma das mais preciosas joias de nosso audiovisual: "Bye Bye Brasil" vai ser relançado na França, em cópia restaurada em 4k. A estreia acontece



Divulgação

desenvolvêssemos um projeto. Ele me propôs filmar 'Tereza Batista Cansada de Guerra', do Jorge Amado. Fui atrás dos direitos, mas Jorge pediu um preço nas alturas, entusiasmado com o sucesso que fizera seu 'Dona Flor', filmado pela gente, na LC. Disse para o Cacá: 'Você não pode pensar numa outra coisa'. Aí ele me veio com um parágrafo: 'Um casal de artistas mambembes viaja pelo Brasil com um casal de camponeses, descobrindo um novo país'. Ora, num momento em que a televisão se espalhava por toda a nação, aquela ideia soou ótima. Aí eu sugeri que ele fizesse uma viagem, acompanhado por um bom roteirista – que, no caso, era o Leopoldo Serran -, para pesquisar", lembra Lucy. "Na sequência, Cacá falou com o Chico Buarque para fazer a música e deu naquela beleza".

Na trama de "Bye Bye Brasil", o sanfoneiro Ciço (Fábio Jr.) e a mulher, Dasdô (Zaira Zambelli), que está grávida, são surpreendidos pelo encontro com a Caravana Rolidei, um circo sobre rodas. A companhia itinerante é formada pelo mágico Lorde Cigano (José Wilker), a dançarina Salomé (Betty Faria) e o Rei dos Músculos, Andorinha (Príncipe Nabor). Ciço, apaixonado por Salomé, decide acompanhá-los pelo país adentro, arrastando Dasdô, que tem seu parto feito de improviso por Cigano, recebendo uma bebezinha, Altamira.

"Esse foi o filme mais difícil de toda a minha carreira na produção. Eu tinha três equipes em ação, simultaneamente. Era uma equipe produzindo, na frente de todo. Era a equipe do Cacá, na filmagem. Era a equipe de desprodução. Lembro de falar com o Cacá: 'Se você for filmar a Amazônia, que fazê-lo de helicóptero, para registrar aquela beleza toda da floresta do alto. O Brasil tem que ser ver nesse filme. Você vai descobrir novos horizontes e eu, também', diz Lucy. "Não conhecia o Amazonas, não conhecia a região de Altamira. O filme me deu a chance de compreender toda a diversidade de nosso país. Filmamos os exteriores em locações e, algumas cenas de interior, foram feitas no Rio. Depois, quando o dinheiro escasseou, a gente filmou exteriores aqui no Rio mesmo. Esta cidade é um estúdio vivo, um dos maiores deste mundo".

Em 2026, Lucy celebra ainda os 50 anos de "Dona Flor e Seus Dois Maridos".



Reprodução

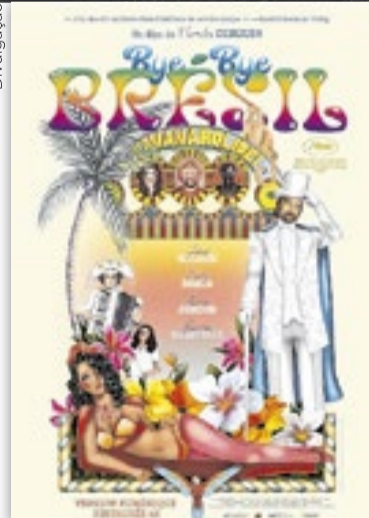
A produção de 'Bye Bye, Brasil' foi complexa mobilizando equipes em várias partes do Brasil

Cacá Diegues com José Wilker, Betty Faria e Fábio Jr no set de 'Bye Bye Brasil'

no dia 3 de junho.

A produtora Lucy Barreto foi a responsável para que esse clássico nacional, visto por 1.488.812 pagantes e indicado à Palma de Ouro, saísse do papel. Ela foi à Croisette em 2024, ao lado de sua filha, a também operária da produção Paula Barreto, para uma homenagem à empresa do clã, a LC Barreto. O nome se reporta ao companheiro de vida e de projetos de Lucy, Luiz Carlos, o Barretão, hoje com 98 anos.

Ao lado dele, Lucy comemorou duas indicações ao Oscar conquistadas pela LC, a primeira dada a "O Quatrilho", em 1996, e a segunda, a "O Que É o Isso, Companheiro?", em 1998. Nesta quinta-feira (28), às 15h, um dos maiores cults do casal, "Garrincha, A Alegria do Povo" (1962), vai ser exibido em televisão aberta,



Divulgação

O Cartaz da reestrela francesa de 'Bye Bye Brèsil'

na telinha da TV Brasil.

Um poster novo e super estilizado de "Bye Bye Brasil" hoje se faz notar nas salas francesas e nas páginas da revista "Cahiers du Cinéma", a bíblia da cinefilia. O longa foi incluído na lista dos cem

“Cacá falou com o Chico Buarque para fazer a música e deu naquela beleza”

LUCY BARRETO

melhores filmes brasileiros de todos os tempos votada por uma das volumosas associações nacionais de crítica, a Abraccine.

"Depois de ver 'Xica da Silva', eu fiquei encantada com o trabalho do Cacá, e procurei-o para que

ENTREVISTA | **ABINASH BIKRAM SHAH**

CINEASTA

'Família é a certeza de que você não precisa lutar sozinho'

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Dono de um sorriso contagiante, daqueles capazes de fazer parecer que está "tudo dominado", Abinash Bikram Shah abre as canjicas a cada vez que fala de São Paulo. Refere-se todo mimoso à deslegância sincera das esquinas paulistas com o encantamento de quem saiu do Nepal para conhecer a maior metrópole da América do Sul in loco, a fim de fazer arte aqui. O nepalês veio a SP trabalhar o som do longa-metragem "Elefantes Na Névoa", que deu a ele o Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard, de Cannes.

Sua narrativa (das mais tocantes) é fruto de uma coprodução entre sua pátria, a Alemanha, a França, a Noruega e o Brasil. As produtoras do audiovisual brasileiro responsáveis por essa aventura afetiva são a Bubbles Project (via Tatiana Leite) e a Enquadramento Produções (via Leonardo Mecchi).

A sinergia delas assegurou uma cocriação com DNA nacional, recompensado na Croisette com o prêmio paralelo de Melhor Criação Sonora.

Ambientado em um vilarejo no Nepal, à beira de uma floresta habitada por paquidermes selvagens, o filme acompanha Pirati, líder de uma comunidade Kinnar, que vê sua vida abalada após o desaparecimento de uma de suas filhas. A partir deste evento, a narrativa se desenvolve como uma investigação, atravessada por conflitos íntimos e sociais.

Estreante em longas, Abinash teve um curta-metragem, "Lori", premiado com Menção Especial na competição de curtas de Cannes em 2022. Também assinou o roteiro do longa "Shambhala", exibido na competição da Berlinale em 2024. Seu "Elephants in the Fog" (título original) vai contar com distribuição da Imovision entre nós.

Nesta conversa com o Correio, ele delinea geografias sentimentais.

Como foi trabalhar a (premiada) dimensão sonora do filme, entre o silêncio e os ruídos intensos?

Abinash Bikram Shah - Eu me senti como se estivesse orando de alguma forma. E não existe



Abinash Bikram Shah, cineasta nepalês premiado no Festival de Cannes

“Quando descobri os filmes de Hou Hsiao-hsien e Satyajit Ray, percebi que era possível dizer tantas coisas... dizer de forma muito emocional... e também política... através do cinema”

apenas silêncio no filme. Há vozes altas também. Mesmo no silêncio e nos ruídos intensos, existe vida acontecendo na comunidade, nas aldeias. Sempre que você vê uma vila ou uma cidade, há muito barulho acontecendo. Ou é música, ou pessoas tentando assustar o elefante, ou o trânsito. Isso era muito importante para mim. Foi uma escolha consciente, claro, mas também procurei não sobrepor a naturalidade do que eu via. O equilíbrio entre esses sons foi um dos desafios do filme.

Como foi o processo de criação desse ambiente sonoro?

Como estávamos fazendo o som no Brasil, era muito importante que a floresta e as aldeias do Nepal não soassem como o Brasil. Os pássaros,

por exemplo, foram cuidadosamente selecionados. Temos uma equipe de som no Nepal e, sempre que o designer sonoro ou o mixador precisavam de algo específico, nós nos comunicávamos com eles e os sons eram enviados imediatamente. Essa autenticidade era muito importante para mim. Ao mesmo tempo, eu queria trabalhar esse contraste entre o silêncio e o som mais intenso. No final do filme existe o momento mais alto dessa construção sonora, quando a personagem central finalmente explode e coloca para fora todos os silêncios que carregou ao longo da história.

Seu filme parece retratar um Nepal dividido entre forças opostas, quase como o movimento do coração entre diástole

e sístole. Como você vê isso?

Sim, acho que a imagem dessa metáfora cardíaca faz muito sentido. Para estar vivo, o coração precisa se mover assim, indo e voltando. Caso contrário, ele para. O Nepal está vivo justamente porque existe essa contradição. E isso vale também para muitos países do Sul da Ásia. Vivemos entre valores antigos dos quais não conseguimos nos desprender e essa modernidade que chega o tempo inteiro. O elefante é um bom exemplo disso. Existe o Deus-Elefante, tão reverenciado no hinduísmo, mas também existe o elefante real, que sai da floresta e se torna uma ameaça para as pessoas. Vivemos nessas contradições o tempo todo. E acredito que isso não acontece apenas no Nepal, mas em toda parte.

Muitas pessoas falam do filme por causa da questão trans e da luta contra a transfobia, mas ele também parece muito centrado na ideia de família. O que representa a família em "Elefantes na Névoa"?

O filme fala muito sobre pertencimento, sobre encontrar o lugar onde realmente pertencemos. É uma jornada que todos atravessam. A família é muito importante porque eu mesmo vivo em uma família extensa, com minha mãe e outros parentes. E encontrei muitas semelhanças entre minha família e a família daquela comunidade, essa família transumana mostrada no filme. O mais importante é a sensação de segurança. Família é a certeza de que você não precisa lutar sozinho. Esse senso de pertencimento é fundamental para mim. Como você disse, não é um filme apenas sobre questões trans ou queer. É um filme sobre família. É um filme sobre mães.

Quando você decidiu que faria cinema?

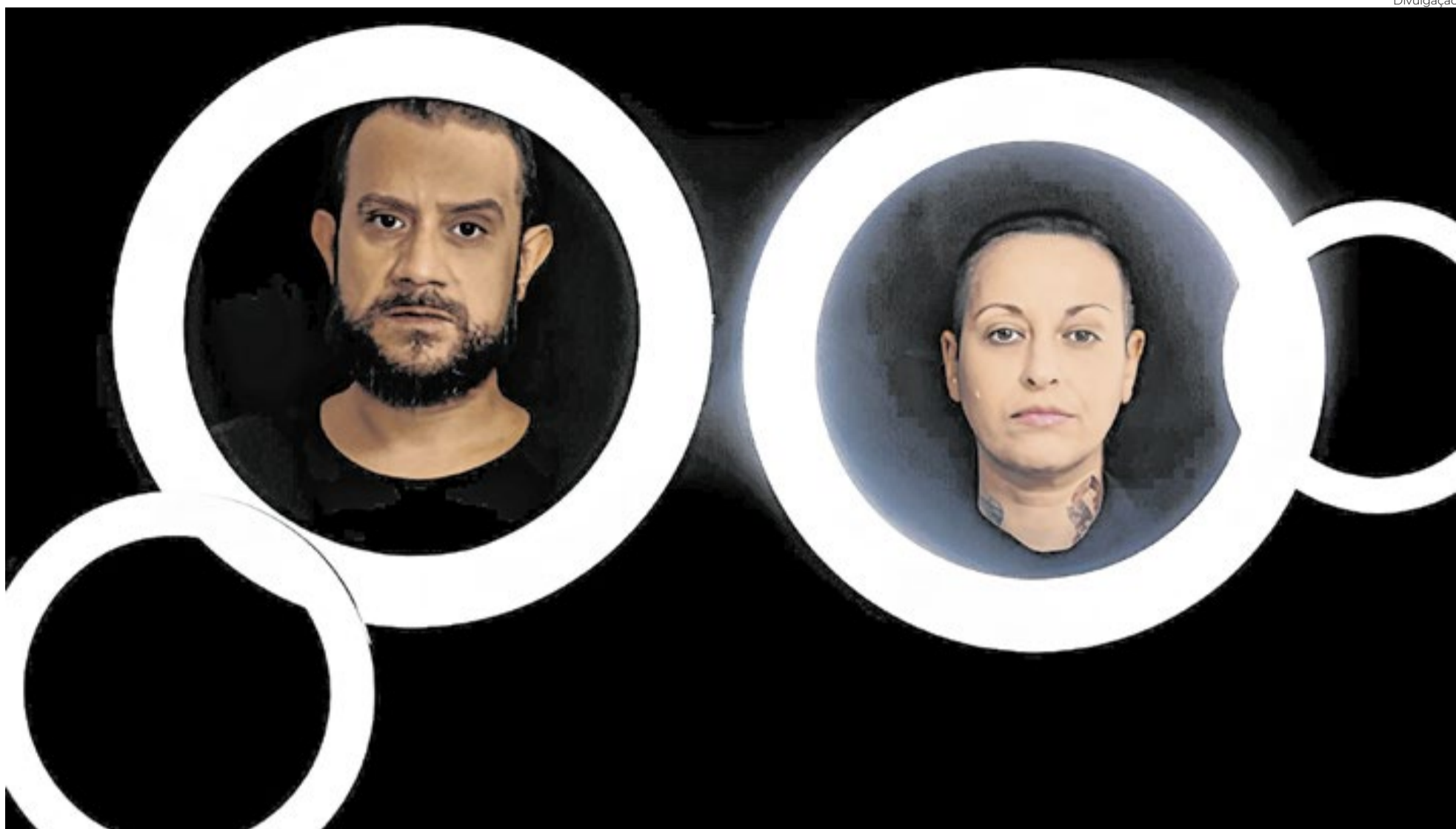
É quea, antes de tudo, eu sou escritor. Trabalhei escrevendo para jornais e também para um escritório de turismo, produzindo textos para receber turistas e apresentar destinos. Sempre consegui me expressar muito bem através da escrita. Depois, quando descobri o cinema mundial, senti que precisava escrever roteiros. Não tive formação formal em cinema. Apreendi vendo filmes.

Quais cineastas foram decisivos para sua formação?

Quando descobri os filmes de Hou Hsiao-hsien e Satyajit Ray, percebi que era possível dizer tantas coisas... dizer de forma muito emocional... e também política... através do cinema. Isso me marcou profundamente. Eu sou uma pessoa muito tímida, então o cinema acabou se tornando uma forma de expressão para mim. Mas comeci mesmo como escritor.

Você já havia escrito muitos roteiros antes de dirigir?

Acho que escrevi cerca de cinco longas, além de duas séries para emissoras de TV nepalesas. Também escrevi "Shambhala". Posso dizer que foi um processo gradual até chegar aqui.



Um olhar corrosivo sobre burocracias digitais

Os absurdos do atendimento virtual são matéria-prima para a comédia 'Pessoa Física', de Cecília Ripoll, em sua última semana no Sesc Copacabana

AFFONSO NUNES

Todo mundo já passou por essa situação típica de um Ionesco ou Pirandello. Aquela em que tenta resolver um problema pelo atendimento automático e acaba em um loop infinito de opções que não levam a nada, ou quando precisa de um documento para conseguir outro documento. Essa situações absurdas do nosso cotidiano no século 21 ganham forma cênica em "Pessoa Física", em cartaz no Sesc Copacabana, coloca em cena o em-

bate entre a insistência humana em existir como indivíduo e uma estrutura que só reconhece o que está padronizado nos seus sistemas. É uma investigação bem-humorada, mas incômoda, sobre os limites entre existência e validação tecnológica.

O texto é de Cecília Ripoll, dramaturga formada em Artes Cênicas pela Uni-Rio que recebeu indicação ao Prêmio Shell RJ 2023 pelo texto "Pança" e já conquistou o Prêmio Jovens Dramaturgos do Sesc e o Fênix de Melhor Dramaturgia. A direção é de Marcela Andrade. Em cena, apenas dois atores: Pablo Aguilar interpreta uma sequência de homens

que esbarram repetidamente em falhas do sistema, enquanto Letícia Guimarães dá voz ao atendimento automatizado — aquele que responde, mas nunca resolve. A dinâmica entre eles sustenta toda a peça, movida pela cumplicidade e pela inteligência cênica de uma dupla que transforma frustração em riso.

A situação inicial é simples: um homem tenta completar um cadastro online. Daí em diante, a peça expõe o paradoxo central dessa realidade: "para se cadastrar, é preciso ser alguém; para ser alguém, é preciso se cadastrar". Cecília Ripoll explora o absurdo das burocracias que atravessamos para viver — exemplos que qualquer um reconhece imediatamente. A dramaturga cita o clássico dilema: precisar de um telefone para reclamar que está sem telefone. São situações que parecem saídas de um sketch, mas que revelam uma verdade perturbadora sobre como os sistemas automatizados definem quem somos.

Aguilar, que também idealizou

Em cena, Pablo Aguilar tenta concluir um cadastro, enquanto Letícia Guimarães é a voz automatizada que responde, mas não resolve

“O espetáculo aponta que o conflito real se dá entre o humano que insiste em existir como indivíduo e uma estrutura que reconhece apenas o que é padronizado”

PABLO AGUILAR

o projeto, “o espetáculo aponta que o conflito real se dá entre o humano que insiste em existir como indivíduo e uma estrutura que reconhece apenas o que é padronizado”. Para ele, a pergunta existencial “o que define que eu sou eu?” deixou de ser apenas filosófica — agora envolve nossos registros digitais, nossos cadastros, nossas pegadas em sistemas

que não conhecemos e não controlamos. É uma questão que toca a cidadania, a identidade e a memória de quem vive mediado por tecnologia.

A encenação de Marcela Andrade organiza esse embate em uma dinâmica contínua de desencontros. A diretora descreve “Pessoa Física” como uma peça capaz de conquistar públicos diversos ao misturar identificação com situações corriqueiras — falhas de login, atendimentos irresolvidos, a frustração de quem tenta existir dentro de uma máquina — com desvios de expectativas óbvias. Há humor, há absurdo, há incômodo. As referências que informam a obra são explícitas: o Teatro do Absurdo, a distopia de “1984” de Orwell, o filme “Her” de Spike Jonze. Ao exagerar essas situações cotidianas, a peça provoca uma pergunta que fica no ar: será que ainda sabemos existir fora dessa mediação digital?

Em 60 minutos, a dupla em cena oferece uma resposta em forma de incômodo bem-humorado — aquele que faz rir e, ao mesmo tempo, questionar. A peça não oferece soluções, mas coloca o dedo na ferida de quem vive preso entre a necessidade de se validar digitalmente e a vontade de simplesmente existir. É teatro que fala de agora, que toca o público onde dói, e que usa o riso como ferramenta para pensar.

SERVIÇO

PESSOA FÍSICA

Sala Multiuso do Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160)
Até 31/5, quintas e sextas-feiras (19h) e sábados e domingos (18h)
Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 10 (sócio Sesc)

AFFONSO NUNES

Dono de um dos solos de guitarra mais marcantes da música brasileira nos anos 1980, o britânico Steve Hackett revisita “Voo de Coração”, de Ritchie e Bernardo Vilhena, em single que chega às plataformas digitais nesta terça-feira (26) via Biscoito Fino. Também disponível em videoclipe, a faixa traz de volta toda a carga emotiva de um das mais belas canções de Ritchie, mas com novos elementos.

Na gravação, o lendário guitarrista do Genesis optou modificou as guitarras em relação à “Voo de Coração” original, faixa-título do primeiro álbum de Ritchie, lançado com estrondoso sucesso em 1983. O músico optou pela técnica slide (o músico desliza um objeto (geralmente um cilindro de vidro, metal ou cerâmica sobre as cordas do instrumento, produzindo um som contínuo e fluido) no solo central e construiu frases melódicas evolutivas no improviso estendido do final da canção. “Ao invés de simplesmente reproduzir as frases musicais de outrora, Steve optou por levar as linhas de guitarra por outro caminho, usando slide no segundo solo e construindo frases melódicas evolutivas no improviso estendido do fim da canção”, comenta Ritchie.

Quando Ritchie e Steve Hackett se hospedaram na mesma casa de campo em Itaipava, em 1980, quem imaginaria que aquele encontro casual nasceria um hit? O britânico, então casado com uma brasileira e frequentador assíduo do Brasil, e o cantor inglês radicado no Rio descobriram afinidades musicais que os levaria, dois anos depois, a gravar as guitarras de “Voo de Coração”.

Agora, 44 anos depois, ambos retornam ao estúdio para uma nova versão da canção. Steve Hackett, que em março deste ano esteve no Brasil em turnê pelos clássicos do Genesis, foi convidado por Ritchie para regravar as guitarras.

A história entre os dois começa antes mesmo de “Voo de Coração”. Ritchie, nome artístico de Richard David Court, aportou no Brasil no final dos anos 1970 e rapidamente se integrou à cena musical carioca. Fã de longa data de Hackett — cujo trabalho no Genesis marcou a história do rock progressivo — Ritchie assistiu a vários shows da banda. Um deles ocorreu em 1972, no Teatro Lyceum de Londres, onde conheceu Rita Lee, Liminha e Lucinha Turnbull, que o convidaram para visitar o Brasil. “O que seria uma visita, se prolongou muito além dos meus planos iniciais!”, recorda Ritchie.



Ritchie e Steve Hackett: amizade que nasceu em 1980

Voa mais, Coração!

Tendo mais uma vez o auxílio luxuoso da guitarra de Steve Hackett (ex-Genesis), Ritchie lança nova versão da faixa-título de seu álbum de estreia

O encontro em Itaipava transformou a amizade em parceria criativa. Ritchie conta que ambos compartilhavam interesses comuns e, sempre que Hackett vinha ao Rio, combinavam corridas na Vista Chinesa ou ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas. Naquela época, Ritchie ainda ganhava a vida dando aulas de inglês, mas já atuava em bandas como A Barca do Sol, Soma e Vimana — grupo do qual também participava Bernardo Vilhena, seu parceiro mais frequente de composições.

Em 1982, quando Ritchie e Vilhena compuseram as músi-

“Quando chegou a hora de gravar a fita demo, soube que o Steve estava no Rio e o convidei para gravar as guitarras. A gravação ocorreu de forma bem despreziosa, no porão da gravadora Warner”

cas para o primeiro álbum solo do britânico, a colaboração com Hackett surgiu naturalmente. “Quando chegou a hora de gra-

var a fita demo, soube que o Steve estava no Rio e o convidei para gravar as guitarras. A gravação ocorreu de forma bem despre-

tensiosa, no porão da gravadora Warner, a convite de Liminha, que além de um dos meus alunos de inglês, era um dos produtores da gravadora”, relata Ritchie.

A fita K7 chegou às mãos de Claudio Condé, então diretor de A&R da CBS, e “Voo de Coração” virou a faixa-título do álbum de estreia de Ritchie. O disco ampliou o sucesso do artista — que já havia conquistado as rádios com “Menina Veneno” — e vendeu aproximadamente 1,5 milhão de cópias.

Ao longo dos anos, Ritchie e Hackett mantiveram contato e frequentemente se perguntavam como a faixa teria soado se gravada em um estúdio profissional de verdade. “Em 2026, 44 anos depois, essa oportunidade finalmente surgiu!”, comemora Ritchie. A nova versão foi registrada em três estúdios profissionais: a base foi gravada em São Paulo, sob direção musical de Eron Guarnieri, no estúdio de Renato Galozzi, coprodutor do projeto; a voz de Ritchie foi captada no estúdio da Biscoito por Lucas Ariel; e as guitarras de Hackett foram capturadas em Londres por Ben Fenner.

RITCHIE

A nova “Voo de Coração” reuniu ainda os músicos Eron Guarnieri (teclados), Hugo Hori (sax tenor), Renato Galozzi (guitarra base e programações), Igor Pimenta (baixo) e Luiz Capano (bateria).



Gabriel, 14 anos



Thiago, 17 anos



Arthur, 14 anos



Raf, 17 anos

Sorrir é existir (e resistir)

Exposição inédita 'Meninos Que Sorriem' chega à Praça Mauá numa celebração à ternura e a alegria de 20 jovens da comunidade da Maré



Ray, 18 anos

AFFONSO NUNES

O fotógrafo britânico-nigeriano Kay Rufai desembarca no Rio com um projeto que ressignifica a lógica de narrativas sobre favelas. “Meninos Que Sorriem” (SMILE-ing Boys) abre ao público na Praça Mauá nesta sexta-feira (29), em apresentação única, apresentando os rostos de 20 jovens negros, entre 13 e 18 anos, residentes do Complexo da Maré em registros de ternura, amizade e alegria.

A exposição nasce de processo colaborativo que colocou as câmeras nas mãos dos próprios participantes. Rufai trabalhou com os artistas brasileiros Math de Araújo e Diego Reis em oficinas ao longo de várias semanas, criando um espaço onde os jovens pudessem documentar a si mesmos, suas amizades e seus cotidianos. O resultado combina fotografia com poesia, reflexão e narrativa — uma obra que questiona o que acontece quando meninos negros são cen-

trados em sua humanidade, e não apenas em histórias de trauma.

As oficinas ocorreram logo após uma das operações policiais mais violentas da história recente do Rio, em uma favela vizinha à Maré, um evento que impactou diretamente a vida de muitos dos participantes. Viver sob vigilância estatal constante é a realidade cotidiana desses jovens. Globalmente, homens e meninos negros enfrentam maiores riscos de violência institucional e limitações impostas por narrativas racializadas e ideias restritas sobre masculinidade. O projeto de Rufai responde a essa realidade com uma pergunta: o que muda quando essas vidas são vistas pela imaginação e pelas possibilidades?

Kay Rufai é também pesquisador de saúde mental, e sua obra reflete essa dupla preocupação. “Queria criar imagens que rejeitassem as formas limitadas como os meninos negros são frequentemente retratados”, explica. Na Maré, ele encontrou — apesar das realidades que esses jovens enfrentam — “ternura, humor, imaginação, cuidado e uma



Wesley, 14 anos

alegria profunda”.

O acrônimo SMILE carrega significado simbólico: Send Me Inspiring Loving Energy (envie-me energia inspiradora e amorosa). A iniciativa celebra o direito dos meninos negros à alegria, ao direito de serem vistos por suas possibilidades, não apenas por suas ausências ou lutas. “Meninos Que Sorriem” é um projeto internacional com mais de uma década de trajetória, com edições anteriores em Londres e Los Angeles. A apresentação no Rio marca a estreia brasileira e integra o MenCare Changemaker Summit 2026, um encontro global de quatro dias (27 a 30 de maio) focado em masculinidade solidária e igualdade de gênero e que oferece conversas, arte, performances e música ao vivo para o público geral.

SERVIÇO

MENINOS QUE SORRIEM (SMILE-ING BOYS)

Praça Mauá
29/5, das 10h às 17h
(apresentação única)
Entrada franca